

A VIVÊNCIA COMUNITÁRIA TRAÇANDO PERCURSOS FORMATIVOS NO CONTEXTO DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Autores FELIPE SILVEIRA DA COSTA, LUEYNA SILVA CAVALCANTE, JOVERLANDIA DOS SANTOS MOTA, JOSEFA LILIAN VIEIRA, JORDANIA MARIA DA COSTA BRITO, LOUISE ANNE GOMES DE SOUZA TELES, MÁRCIA SILVA DE PAULO, VERA LÚCIA DE AZEVEDO DANTAS

Instituição 1. SMS, Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, Rua do Rosário, 283 - Centro, Fortaleza-CE

Resumo:

O processo de formação do Médico de Família e Comunidade e de outros profissionais no campo da Saúde da Família no Brasil situa-se atualmente em um momento em que se depara com a realidade da crescente demanda por profissionais qualificados na atuação em atenção primária em saúde a partir da assistência, gestão e promoção da saúde; isso se dá particularmente a partir da expansão da estratégia de saúde da família em todo o país. Ao mesmo tempo, temos a tradição da formação em saúde como um espaço de sobrevalorização e centralização do saber biomédico em detrimento de outras vertentes acadêmicas e saberes não disciplinares gestados nos territórios de prática. Dessa forma, têm-se pensado em como operar mudanças significativas tendo em vista a formação de profissionais que possam compreender o território como vivo e abordar a complexidade dos processos sociais que estão implicados na produção de saúde no contexto de uma equipe multiprofissional. As residências nesse campo aparecem, assim, com uma perspectiva de preenchimento de uma lacuna assistencial de um serviço e rede incipientes, mas, também como uma forma de qualificação profissional significativa para a consolidação do sistema de saúde, não só de residentes, mas de todos os profissionais da rede que acabam envolvidos nos processos formativos. Assim é que os modelos de residência no contexto da estratégia de saúde da família foram pensados como estratégias indutoras de mudanças no cotidiano profissional a partir de um percurso formativo significativo, contextualizado e socialmente conseqüente por estar em constante relação dialética e dialógica com as práticas do cotidiano do serviço. O exercício da dimensão ético-político e pedagógica na formação profissional, a partir da vivência comunitária, pode ser uma das vertentes importantes nesse contexto, tendo em vista a sua potência e significação. Assim, movimentos de articulação com processos de potencialização comunitária tornam-se um desafio de articulação com as atividades cotidianas da assistência a saúde e, ao mesmo tempo, uma necessidade, tendo em vista que condiciona a inserção processual comunitária da equipe de profissionais de saúde; uma atividade relevante que promove a apropriação do serviço pela população, gerando novos significados da presença do equipamento público em uma perspectiva de desenvolvimento comunitário. Pensar um percurso formativo toma assim uma grande relevância

ao propor a construção processual de um conhecimento contextualizado, em diálogo com as necessidades dos atores populares e profissionais envolvidos. Assim é que os saberes gestados a partir da reflexão sobre esse processos sociais podem ao mesmo tempo dar conta de uma dimensão importante da formação dos profissionais em serviço, contribuir com o fortalecimento do papel social da unidade de saúde e promover movimentos emancipatórios por parte dos atores populares. Um conhecimento que é a sistematização dos processos vividos pelas pessoas, sua re-aplicação na realidade a partir das situações-limite encontradas e sua re-configuração posterior em um contínuo movimento de ação-reflexão-ação. O objetivo desse trabalho é relatar o percurso formativo de residentes de Medicina de Família e Comunidade e Multiprofissionais de Saúde da Família e da Comunidade em um movimento de articulação com processos de potencialização comunitária no território do Siqueira, Fortaleza. Durante a inserção processual comunitária dos residentes, foram realizadas uma série de reuniões com a participação de lideranças locais, profissionais de saúde e pessoas com práticas sociais significativas no território. Foram as reflexões iniciais que possibilitaram a formação de um grupo constituído por profissionais de saúde e atores populares que era tensionado a constituir-se como um grupo-sujeito capaz de levar adiante o processo; um grupo de pessoas que ao mesmo tempo é ouvido e ouvinte, que promova processos de leitura da realidade, identificação de situações-limite e de atos limite considerados necessários à superação da realidade desafiadora. Esse grupo teria como desafio a produção e sistematização de um conhecimento em ato que seria relevante para a transformação da realidade local e pudesse transcender os interesses individuais de cada membro do grupo para vislumbrar o interesse coletivo da comunidade. Finalmente, ele seria alimentado e realimentado a partir dos fluxos de pessoas que iriam se agregando no processo, devendo promover encontros sistemáticos, tendo como referência a percepção subjetiva e objetiva do processo de cada um dos atores, vinculando-as criticamente à historicidade da comunidade, reconhecendo contradições e sinergias, potenciais e fragilidades, situações-limite e atos-limite inerentes ao processo. Esse movimento de sistematização das experiências vividas a partir da constituição de um grupo-sujeito caminha no sentido de perceber e ordenar o conhecimento produzido, visualizar suas confluências e divergências e avançar para a elaboração de novas propostas com a perspectiva de estimular o desenvolvimento comunitário, a co-construção de autonomia e a emancipação humana a partir do lugar que ocupam os atores, sejam eles populares ou institucionais. Uma das situações-limite centrais consideradas foi a necessidade de articulação entre movimentos e práticas, desse modo, pensou-se em dar início a um processo de formação de redes considerando as potencialidades dos movimentos populares, práticas sociais individuais e profissionais de saúde envolvidos. Decidiu-se pela elaboração de uma oficina em que seriam recontadas a história de luta e resistência do povo do Siqueira, bem como as inter-relações com as histórias

peçoais de militantes e moradores; para ela foram convidadas lideranças locais, pessoas com práticas sociais significativas para a comunidade, profissionais de saúde, bem como todos os que se sentissem mobilizados a participar. No decorrer dela, os participantes foram se reconhecendo politicamente e afetivamente a partir de rodas de conversa animadas pelas seguintes questões-geradoras: Qual a minha história de vida na comunidade? Qual a história de vida do meu grupo/movimento na comunidade? Como essas histórias se relacionam? Os encontros e desencontros dessas histórias aos poucos delinearam as potencialidades do território e situações-limite vividas. A partir disso foram elaboradas trilhas temáticas tendo em vista a perspectiva de propor em uma articulação entre os diferentes movimentos e práticas envolvidos. Durante a oficina, foi observado como sonhos pessoais e coletivos foram se entrelaçando em uma tessitura do possível e necessário que vem alimentando a vida da comunidade há vários anos e curando feridas pessoais. Pensar a história de luta e resistência desses atores populares a partir de uma realidade objetiva desafiadora e dolorosa fruto de uma realidade de violência em suas mais diversas vertentes é também observar a transcendência que essas lutas pessoais tiveram de tal forma que passaram a se imbricar com toda uma luta comunitária mais geral pelos direitos negados por uma omissão do estado e da sociedade como um todo. Foram criadas perspectivas de processos emancipatórios pessoais que ao mesmo tempo tornaram-se coletivos, operando já desde o início um fortalecimento da identidade e autoestima individual e comunitária. A possibilidade proposta na oficina de por esses sonhos em comum foi um movimento importante e logo acolhido por todos a partir da definição de trilhas como a da juventude, do ambiente, da articulação popular, entre outras, em que se depositou expectativas de contribuir para o fortalecimento de movimentos e práticas populares. Como próximas atividades, foram planejados encontros para aprofundamento dos temas com a participação de profissionais de saúde e atores comunitários e a realização da primeira assembléia de usuários da unidade de saúde local. Espera-se que a vivência desse processo contribua para mostrar o lugar no fazer do profissional de saúde da vivência comunitária sob uma perspectiva emancipatória de todos, inclusive do profissional que amplia sua visão de mundo. Para o profissional residente, colocar-se nesse lugar tem se mostrado uma oportunidade singular para perceber os sentidos de sua prática num contexto ampliado, bem como as escolhas necessárias que derivam desse reconhecimento, escolhas que têm a ver com uma competência que também é técnica, mas foge ao hegemônico reproduzido nas universidades porque se relaciona com aquilo que seria um campo comum entre os saberes disciplinares e não disciplinares que implica na aproximação do fazer profissional daquilo que seria o mundo da vida com suas contradições, desafios e potenciais. Enfim, lidar com todas essas questões têm sido para os residentes um momento de intenso incômodo e estranheza por lidar com o diferente e abordar processos históricos complexos e que estão se

desenvolvendo há muito mais tempo que o seus tempos de vida, o que gera uma sensação de impotência. No entanto, vivenciam também como a prática de viver esse processo junto com a comunidade pode ser gratificante ao se identificar o que cabe a cada um e a todos , promovendo uma formação compartilhada, integral, politicamente relevante e eticamente conseqüente.

Palavras-chaves: Formação, Comunidade, Saúde